

Origem na desaceleração

O anúncio do Lehman é mais um episódio da crise dos créditos subprime, que abala o sistema financeiro americano há cerca de um ano e está na origem da desaceleração das economias centrais. Há semanas, o mercado segue o drama do banco de investimentos à procura de um comprador e ainda sob expectativa de uma operação de resgate do governo dos EUA, em moldes semelhantes ao ocorrido com a Fannie Mae e a Freddie Mac, gigantes do setor hipotecário.

As duas expectativas, no entanto, foram frustradas: a solução de mercado se perdeu, com a desistência dos potenciais compradores – primeiro, o banco coreano KDB, e depois, o britânico Barclays e neste final de semana, a derradeira *pá de cal* foi jogada, com a indicação do governo americano de que não resgataria o banco de investi-

mentos. O anúncio do Lehman também eleva o nível de nervosismo dos mercados devido ao fator *bola da vez*. O mercado se lembra de que a situação do setor financeiro americano e europeu continua muito ruim e começa a esperar pela próxima quebra.

Analistas lembram, com algum alívio, de que a mais provável é próxima *bola da vez* já foi equacionada: o Banco Merrill Lynch foi vendido ao Bank of América (BofA) por US\$ 50 bilhões. Entretanto, a aquisição pode em breve enfrentar obstáculos em meio aos receios de que o BofA precisará levantar mais capital.

Os investidores poderão exigir garantias maiores contra eventuais perdas provocadas pela operação. Segundo estimativas do Morgan Stanley, mesmo antes da aquisição, o BofA já teria de levantar mais US\$ 12

bilhões em capital neste ano. Os analistas temem, agora, pela seguradora AIG e pelo Banco Washington Mutual. A AIG está tentando conseguir dinheiro para sua operação e já obteve autorização do FED de Nova York para o acesso a US\$ 20 bilhões em capital de suas subsidiárias para cobrir suas necessidades operacionais.

O que deixou o mercado preocupado é que o governo dos Estados Unidos deu uma forte sinalização de que não socorrerá mais bancos e instituições financeiras em dificuldades. O secretário do Tesouro dos EUA, Henry Paulson, declarou que a atual crise nos mercados e instituições financeiras tornará as "coisas melhores" no futuro. "A curto prazo, nada será fácil. Mas a longo prazo as coisas irão melhorar", disse Paulson. "Eu acho que estamos fazendo progressos", completou.